

Notas e informações

O estardalhaço do tambor

Na semana passada, a sociedade civil brasileira teve todos os motivos para se assustar e até mesmo entrar em pânico com a enxurrada de idéias esdrúxulas que os relatores das subcomissões do Congresso Constituinte fizeram prosperar, dando a impressão de que o País, insatisfeito com sua história, seu passado e suas tradições, havia resolvido simplesmente atrá-los pela janela, para construir algo de absolutamente novo e original. Se alguém somasse os relatórios das subcomissões da Constituinte e buscasse extrair daí um anteprojeto para a futura Constituição teria um texto contraditório, forçado de confusões, recheado de insensatez e sequioso de novidades, que podem até merecer o aplauso fácil, mas não têm efeito construtivo e prático comprovado. Uma eventual Constituição retirada desses relatórios, obra do sectarismo esquerdista de relatores nomeados pelo líder da bancada majoritária do PMDB na Casa, senador Mário Covas, seria uma colcha de retalhos multicoloridos e pouco consistentes, completamente diversa do grande documento jurídico-institucional que se prometeu à sociedade brasileira quando foi convocada a Constituinte.

É por isso que se recebe, com inegável alívio, pela boca autorizada do principal responsável pela redação do projeto constitucional, a notícia de que muitos desses documentos insensatos falecerão atropelados pelo desejo que a maioria dos constituintes tem de realmente refletir os anseios mudancistas, mas certamente não revolucionários, da maioria do povo. Em entrevista exclusiva a *O Estado*, publicada na edição de domingo, o deputado Bernardo Cabral (PMDB-AM) explicou que tem, na qualidade de relator da Comissão de Sistematização, o poder de aceitar ou rejeitar os pareceres dos relatores e das subcomissões e das comissões, submetendo-os ao poder maior, que é o

do plenário dos 559 constituintes. Mais do que isso — apoiado numa experiência política (de secretário de Estado a deputado cassado) e jurídica (especialista em Direito Constitucional, secretário-geral e presidente do Conselho Nacional da Ordem dos Advogados do Brasil) —, prometeu submeter-se democraticamente ao pensamento da maioria.

O relator do projeto da futura Constituição comprometeu-se a curvar-se à vontade da maioria, mesmo quando estiver em jogo qualquer uma de suas arraigadas convicções pessoais. Afora isso, apesar de ser disciplinado membro do partido majoritário no Poder Legislativo, garantiu que não se curvará às pressões do PMDB, mesmo que elas se manifestem pela voz de seus mais autorizados líderes. O único fulcro a que o deputado amazonense se submete, no exercício de sua função constituinte, é o da própria consciência, em recomendável gesto de altivez e independência.

O gesto do deputado Bernardo Cabral de ser fiel à maioria precisa ficar registrado, porque outros têm atitude diversa. O senador Mário Covas, por exemplo, elegeu-se líder da bancada majoritária na Constituinte levantando a bandeira da rebeldia e da independência em relação aos conchavos da cúpula do PMDB, mas logo depois, sem auscultar o sentimento da maioria, indicou os relatores de subcomissões, fiel a um critério autoritário e vesgo, que privilegiou as minorias da esquerda em detrimento da maioria liberal centrista. O autoritarismo do senador refreou o ânimo de todos quantos julgaram sua eleição pela bancada uma boa notícia e teve o reflexo negativo que não poderia deixar de ter: os relatórios esdrúxulos das subcomissões, somados, são um festival de imaginação, que faria corar os mais treloucados fabricantes artificiais de

Cartas Magnas, como Francisco Campos, o famoso *Chico Ciência*. Miniaturas de *Chico Ciência*, os relatores das subcomissões, em sua maioria, mostraram como está certo o deputado Bernardo Cabral, ao apontar para o perigo de o relator do projeto constitucional ser prosélito de alguma fé ideológica. "Os sectaristas matam por uma idéia", ele lembra. E a maioria dos relatórios das subcomissões prova que, também por uma aparente originalidade, tais devotos de ideologias são capazes de matar as esperanças do povo, condenando a Nação ao desânimo e ao desencanto.

As palavras e os compromissos assumidos pelo deputado Bernardo Cabral no sentido de redigir projeto sintonizado não com idéias de grupos ou partidos, ou mesmo com suas próprias convicções pessoais, mas com os anseios da maioria, afastam, pelo menos por enquanto, o susto que o País teve ao tomar conhecimento dos primeiros esboços da Constituição. Eleito pelo voto direto da bancada, derrotando dois fortes adversários, o parlamentar amazonense soube corresponder à confiança de seus companheiros, comprometendo-se com o interesse comum e não com ideologias e idiossincrasias pessoais e grupais. Essa garantia, contudo, não redime o senador Mário Covas, líder da bancada, do erro de impor relatores em vez de consultar os companheiros pelo único mecanismo eficiente que a democracia conhece, o voto livre.

Tais relatores, arbitrariamente indicados, comportaram-se também de forma autoritária, querendo impor o estardalhaço de seus ideais à audiência da Nação. Felizmente, como bem comparou o deputado Bernardo Cabral, tais ideais parecem com um tambor: "Fazem muito barulho, mas são vazios por dentro".